

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2020

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2017 by Christina Hobbs and Lauren Billings

Todos os direitos reservados.

Edição portuguesa publicada por acordo com o editor original, Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Dating You, Hating You*

Autora: Christina Lauren

Tradução: Filipa Aguiar

Revisão: Carlos Jesus

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Marcador

Imagens da capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 463 330/19

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2020

1

Evie

O La Cienega Boulevard é um inferno interminável de cimento sinuoso, mas é um mal necessário nesta cidade. Percorrendo Los Angeles de norte a sul, forma uma artéria enorme que corta a Zona das Trinta Milhas, também conhecida como TMZ, também conhecida como a Zona dos Estúdios — onde se instalaram os primeiros estúdios de cinema.

No seu auge, e antes de outras cidades começarem a oferecer subsídios e grandes incentivos para que os cineastas fossem lá filmar *in loco*, era aqui que a maioria dos filmes era gravada. Tem sido o epicentro de centenas de milhões de dólares em contratos cinematográficos ao longo das décadas, mas nunca ouvi ninguém da indústria dizer TMZ numa conversa casual. Não neste contexto. Assim como um turista chama Frisco a São Francisco, qualquer um que chame TMZ ao cerne da vida de Hollywood hoje em dia provará que é um forasteiro que se deparou com uma detalhada página da Wikipédia. É tão arcaico, na verdade, que muitos dos meus colegas nem percebem que foi daí que o tabloide *TMZ* tirou o nome.

La Cienega é parecida com a maioria das avenidas aqui em Hollywood: filas de lojas e restaurantes construídos em ângulos estranhos e espremidos em cada centímetro de espaço possível, palmeiras e *outdoors* que se erguem contra o céu azul tingido de neblina cinza, e carros *por todo o lado*. A norte fica o objeto da maioria dos sonhos de Hollywood, onde um cenário de colinas altas parece irromper diretamente do asfalto. Casas multimilionárias empoleiraram-se como peças de *Tetris* nas colinas, com as suas janelas brilhantes e portões erguendo-se acima da cidade.

É uma vista e tanto se se conseguir pagar por ela, mas, como a maioria das pessoas aqui em Los Angeles, tenho os pés bem assentes no chão e, em casa, a *minha* única vista é para o apartamento da frente, habitado por um malabarista marroquino quase sempre sem camisa.

Há vistas piores, imagino.

Embora eu deteste La Cienega e o seu congestionamento interminável, o *boulevard* é o mais parecido com o caminho mais curto entre dois pontos que se pode encontrar em LA. Qualquer habitante local dirá que conduzir aqui depende da hora: sai às duas e chegarás a praticamente qualquer sítio em vinte minutos. Sai às cinco, como toda a gente, e levarás uma hora para andar oito quilómetros.

Graças a Deus, sou uma das últimas a sair do escritório.

Ouçõ alguém bater, levanto os olhos e vejo Daryl em toda a sua glória, com os cabelos loiros e olhos azuis, parada à minha porta. Embora eu seja uma amálgama perfeita dos meus pais, de olhos e cabelos castanhos, Daryl Hannah Jordan é a cópia da sua homónima, Daryl Hannah, e mais parece que acabou de dar à costa no *set* de *Splash* — *A Sereia* do que alguém que cresceu em San Dimas, a três casas da minha.

— O horário de expediente terminou há mais de uma hora — diz ela.

— Só estou a ler este artigo antes de me ir embora. — Os meus olhos semicerram-se instintivamente enquanto a observo. Daryl usava uma saia e saltos muito altos há apenas algumas horas; agora tem vestida roupa de enfermeira e os seus cabelos aclarados pelo sol estão presos num rabo de cavalo. — Temos aquela festa na casa do Mike e da Steph hoje à noite. Por favor, diz-me que essa é a tua máscara.

Daryl fica inquieta e cada vez mais interessada numa nódoa inexistente na bainha da camisa, e percebo que fui enganada.

— *Não* — arquejo.

— Desculpa! — Ela deixa-se cair de modo dramático na cadeira à minha frente.

— Sua idiota! Estás a cortar-te?

— Eu não queria! Mas esqueci-me que prometi ao meu tio que iria para lá hoje à noite. Porque é que não me lembraste à tarde? Sabes que é a tua função nesta relação!

Afundo-me na cadeira. Daryl trabalhou durante a faculdade na clínica do tio, e desfrutou bastante dos descontos para funcionários enquanto lá estava. Ela é linda — tem a pele firme, seios perfeitos e um espaço entre as coxas através do qual daria para ver televisão —, mas é também a primeira a admitir que boa parte disso se deve aos esforços pioneiros da ciência e do seu tio,

o Dr. Elias Jordan, cirurgião plástico. Daryl faz trinta anos este ano e, além do seu emprego no andar de cima, no Departamento de TV-Literatura, tem vindo a trabalhar para o tio por fora para pagar o seu mais recente *ajuste fino*. Como a maioria das pessoas nesta cidade, ela está determinada a nunca envelhecer.

Por sorte, já não precisa de se preocupar mais com isso, porque quero matá-la.

— Bom, este dia foi comicamente mau. — Olho para o telemóvel antes de o atirar para dentro da mala. — Porque é que gosto de ti, mesmo?

— Gostas de mim porque ouço as tuas conversas intermináveis sobre cinema e a minha passividade complementa a tua necessidade de estar sempre ao comando.

Gostava de poder argumentar, mas ela tocou em dois pontos importantes. Cresci obcecada por filmes; está-me no sangue. O meu pai era electricista da Warner Bros. E a minha mãe penteava e maquilhava para quase todos os estúdios. Quando tinha oito anos, insisti para eles me deixarem ir de bicicleta depois da escola até ao clube de vídeo do bairro — sim, sou velha — e convenci Larry, o gerente caquético, a deixar-me trabalhar lá em troca de alugueres grátis. Quando estava no secundário, ele finalmente concordou em começar a pagar-me.

Viajei pelo mundo, mas LA sempre foi — e sempre será — a minha casa. Não só porque a minha família está aqui, mas porque o meu coração mora na poeira e no caos e nas regras tácitas de Hollywood. Foi por isso que me tornei agente de talentos. Nunca quis estar *nos* filmes, mas sempre sonhei fazer parte do processo de criação.

E, de facto, preciso sempre de estar ao comando. Ela apanhou-me neste ponto também.

— Está bem — digo. — Mas da próxima vez que algum cliente me arranjar um encontro às cegas e eu não puder recusar, tu vais fazer cara de Evie e ir no meu lugar.

— Combinado. — Ela inspeciona-me com um sorriso forçado. — Sem querer atirar lenha para a fogueira, mas a tua máscara está no carro ou vais vestida de bancária rabugenta?

Abro a boca para dizer exatamente o que ela pode fazer com a minha máscara, mas vejo um movimento através da porta atrás dela.

— Amelia! — chamo, e ela espreita cá para dentro. — O que vais fazer hoje à noite? Por favor, diz-me que não vais fazer nada, menina Amelia Baker, a pessoa que mais amo no mundo.

— Vou buscar o Jay ao acampamento — diz ela — e passar o resto da noite de pijama a comer raviólis diretamente da embalagem.

Deixo a cabeça cair sobre a mesa.

Eu trabalho no Departamento de Cinema, representando atores e atrizes; e Amelia é a segunda na hierarquia dos RH. Como se tornou adulta mais cedo do que nós, Amelia também é a mãe orgulhosa do rapaz de doze anos mais inteligente e bonito do mundo.

Estou à beira do desespero.

— Há alguma hipótese de arranjares uma *babysitter*?

Amelia entra e senta-se no braço da cadeira de Daryl. Usa o cabelo cortado bem rente. Por mais que eu quisesse ter um estilo como o dela, isso nunca vai acontecer — nela, o corte realça o seu sorriso brilhante, a pele escura luminosa e as maçãs do rosto.

— Numa sexta-feira à noite? — O tom sugere uma gargalhada implícita. — Nenhuma. Porquê?

— Porque a Daryl é a pior amiga do mundo e tu és a melhor?

O seu riso convence-me a desistir e solto um gemido.

— Tens grandes planos? — Com um sarcasmo totalmente explícito, ela acrescenta: — Não que eu ache que tenhas um encontro ou coisa do género, mas, sabes, posso ter esperança.

Endireito-me e aponto dramaticamente para Daryl.

— Era suposto eu ir a uma festa com esta menina.

— É verdade — diz ela, culpada —, mas esqueci-me e prometi ao tio Elias que vou ajudá-lo com a contabilidade.

Amelia aponta-lhe maternalmente o dedo.

— *Não* vais fazer mais nada à cara.

Daryl nega imediatamente. É raro comentarmos alguma coisa que ela tenha feito — é adulta e, por mais que a achemos perfeita, fá-lo porque quer e, bem, não é da nossa conta. Ainda assim, até eu admito que ela se tem deixado levar de mais ultimamente.

— Só uma coisinha de nada. — Daryl faz um floreio afetado com as mãos e vira-se para mim. — Por falar nisso, preciso de me ir embora.

— Acho que também vou andando. Não faz sentido prolongar o inevitável. — Viro-me para meter algumas pastas de trabalho na mala, mas então lembro-me do que estava a ler. — Ei, só um segundo: alguma de vocês viu o artigo sobre o Brad na *Variety*? — Baixo o tom de voz e olho em volta do escritório vazio. — Esperem, ele ainda aqui está?

Amelia espregueia para o corredor na direção do gabinete de Brad Kingman, vice-presidente da Price & Dickle, chefe do Departamento de Cinema e um idiota de primeira, e abana a cabeça.

— Só nós e o Dudley, acho.

Aponto para o ecrã do meu computador e as duas empoleiram-se atrás de mim para ler.

— Não é exatamente *sobre* ele. — Aponto para o artigo em questão.
— Apenas uma menção de que ele foi visto a jantar com o Gabe Vestes.
— Gabe é uma estrela de cinema disputada que assinou com a agência rival, a CT Management. E, engraçado: toda a gente sabe que Brad e Gabe se odeiam, embora ninguém saiba *porquê*.

Daryl endireita-se, indiferente.

— É só isso? Pensei que fosse alguma coisa espalhafatosa e escandalosa. Resmungo para ela e olho de novo para o artigo. A sua certeza não me convence de que isto é insignificante; fico com a pulga atrás da orelha.

— Será que fizeram as pazes? — sugere Amelia.

Hesito, pouco convencida.

— Acho que isso não é uma coisa que o Brad faça, a menos que haja dinheiro envolvido.

— Continua a pensar sobre isso, Sherlock Holmes — ironiza Amelia —, mas o Jay está à espera, tenho de me despachar. — Ela vira-se para se ir embora, mas para perto da porta. — E, antes que me esqueça, passou um memorando pela minha mesa hoje, provavelmente chegará a ti esta semana, Evie. O Brad vai adiar o retiro anual do departamento, por isso, podes tirá-lo da tua agenda por enquanto.

— Adiar? O memorando dizia porquê? — Os meus sentidos de Homem-Aranha estão atijados.

Brad tem feito o retiro do Departamento de Cinema em Big Bear na mesma semana de novembro desde que me lembro de ser gente.

— Não dizia — responde Amelia. — Tudo o que sei é que foi adiado indefinidamente e tenho a certeza de que não vais resmungar por não teres de passar um fim de semana inteiro no meio do mato com aquele tipo.



Quando se tem a minha idade e se mora sozinha num apartamento com uma entrada comum, corredores intermináveis e campainhas minúsculas nas portas, esquecemo-nos daquela sensação insidiosa de desesperança que se tem quando se chega a uma casa de verdade. Uma casa com varanda, uma porta de madeira entalhada e uma aldraba que diz muito sobre as pessoas lá dentro.

Um dragão de ferro.

Uma rosa de latão.

Talvez uma gárgula de cobre.

Olho para o querubim perfeitamente oxidado na porta da frente de Steph e Mike e franzo a testa, sentindo-me de repente muito menos satisfeita com a minha vida do que há algumas horas. Eles são seis anos mais novos que eu e já são do tipo que têm uma porta destas. Pessoas que têm porta da frente. *Proprietários.*

Eu não consigo comprometer-me com um plano anual da Netflix, nem sequer sou dona do carro que acabei de estacionar a dois quarteirões na rua lotada. Sou uma péssima adulta.

Olho para a minha capa preta, para a gravata vermelha e amarela, para a varinha na mão e pergunto-me por que raio concordei com isto. Tenho trinta e três anos e estou numa festa de máscaras vestida como uma Hermione Granger adolescente.

Caramba, Evie.

Maldita Daryl.

E devo dizer que é preciso uma certa coragem para vir aqui sozinha, vestida como uma personagem adolescente que frequenta Hogwarts. Sinto um pânico instintivo, aquela ansiedade *à la* Bridget Jones de que a porta vai abrir-se e todos vão olhar para mim, boquiabertos, e Steph vai sussurrar, simpática e mortificada: *Não recebeste o e-mail a dizer que não nos íamos mascarar?*

Pelo menos com Daryl ao meu lado essa situação seria engraçada e poderíamos beber e rir-nos de como viemos aqui parar a uma noite de sexta-feira. Mas sozinha? Nem por isso. Espero que o tema «Venha tal como é» se tenha mantido, porque uma miúda que precisa de um viratempo para conseguir fazer tudo todos os dias é um *alter ego* perfeito para uma mulher solteira que trabalha em Hollywood.

Levanto a aldraba da porta com algum esforço, usando as duas mãos. É surpreendentemente pesada.

Quando a solto, ela não produz aquela batida suave e profunda que esperava. Em vez disso, bate com um ruído metálico ensurdecador contra a madeira. O som reverbera no pequeno pátio de tijolos e, por um momento aterrorizante, as asas do querubim gigante movem-se nas dobradiças como se fossem espatifar-se no chão.

Dando um salto para trás, apercebo-me da campainha normal na parede: simples, evidente e, ao que parece, totalmente funcional.

Então... não era para usar a aldraba.

A porta escancara-se, revelando um burburinho de risos que, a julgar pela forma como estão todos a olhar para mim, parece dirigido ao

barulho que acabei de causar. Steph dá um passo em frente, trazendo consigo o cheiro do seu perfume *Prada*. Com uma mão graciosa, de unhas arranjadas, ela faz parar a aldraba, que, obviamente, é apenas um objeto decorativo.

— A Evie chegou! — Ela puxa-me para um abraço. — Estás aqui!

Gosto de Steph. Era estagiária na agência Alterman quando eu era uma agente de talentos nova em folha. Ela continua lá, agora como agente, e até hoje tem a honra de ser a colega — passada ou presente — que me nos tive vontade de estrangular. É afetuosa e competente... Mas, assim que entro, lembro-me de que ela está loucamente apegada à sua estética juvenil, embora já esteja quase com trinta anos. Basta olhar para a sua máscara. Tenho a certeza de que está vestida como uma Miley Cyrus da era «Wrecking Ball», com um *top* branco, a parte de baixo de um biquíni branco e botas. E mais? Vejo uma mesa no canto com um arranjo elaborado de latas de *Red Bull* e uma seleção de vodcas caras.

Fazendo-me entrar, ela diz, demasiado alto:

— Aquela coisa é só decorativa, sua tonta! Assustaste toda a gente! E, meu Deus! Hermione! Estás um espanto. E parabéns por teres vindo sozinha. A minha corajosa Evie!

Corajosa?

O som que ouviram? Esse que parecia uns pneus a chiar? Era a minha confiança, que estacou ali mesmo à porta de entrada.

Olho em volta para uma série de rostos com sorrisos educados, à espera das apresentações.

Uma ruiva com um ar simpático vestida de Ariel envolve com o braço a cintura de um Príncipe Eric hispânico e alto.

Uma morena meio indiferente vestida de vampira sussurra algo para o namorado, também vampiro.

Alguns casais do outro lado da sala conversavam em grupo, mas agora estão a olhar na direção por onde acabei de trazer a solteirice para uma festa claramente feita para pares.

— Pessoal, esta é a Evie-Hermione! Evie, estes são... toda a gente!

Aceno, murmurando para Steph com o canto da boca ao melhor estilo Bogart:

— Não me disseste que era uma coisa para casais.

— Não é, na verdade. Acabou por ser assim! — sussurra ela, puxando-me para o meio da sala de estar. — Prometo que vai ser ótimo.

Por um segundo, quando vejo duas mulheres, vestidas de Beyoncé e Nicki Minaj, a aninhar-se no sofá, acho que ela pode ter razão. É um

grupo de mente aberta, e eu sou uma mulher forte que escolheu abraçar a independência e ir a uma festa sozinha. Não tenho motivos para me sentir deslocada por aqui.

Mas então ela faz-me passar pelo grupo maior de convidados e para em frente à mesa de *Red Bull* e vodca.

Então é assim.

— Ao menos a Morgan está por aqui? — pergunto, esperançosa, feliz por poder cuidar da filha pequena de Steph e Mike a noite toda se isso me ajudar a parecer só um nadinha menos desconfortável.

Ela olha para mim fazendo um beicinho dramático.

— Está com a *babysitter*. Como está o trabalho, a propósito?

Resignada, deixo descair os ombros.

— Tudo bem. Sabes o Tyler, aquele ator da Broadway com quem assinei em março? Ele não vai estar por cá a tempo inteiro com a mulher e a filha até ao fim de novembro, por isso disse-lhe que olharia por elas. Basicamente passei o dia num seminário de Treino Sensorial e Integração Infantil em que os bebés brincavam com macarrão cozido em caixas de plástico gigantes por setecentos dólares à hora.

Steph fica em silêncio por um momento e depois inclina-se na minha direção.

— Não...

— Sim... — E por falar nisso, lembro-me de como fiquei incrédula quando lá cheguei. Um grupo de mulheres baixinhas de calças de ganga brancas, com os seus filhos limpinhos e bem-vestidos a olhar entusiasmados para caixas gigantes cheias de macarrão cozido. Mas à medida que o tempo passou, e vi a alegria de Bea por causa da desobediência de brincar com a comida por diversão, o meu cinismo perante aquela extravagância ridícula diminuiu, e comecei a achar que *sim, isto é o máximo*.

Mas é exatamente assim que o cérebro se corrompe nesta cidade. *Setecentos* dólares por hora para apertar macarrão com as mãozinhas gordas. Aquelas crianças podiam divertir-se muito a brincar com macarrão na banheira de casa por dois dólares.

— Tu não és ama dela — lembra-me Steph, levemente indignada.

— Não, eu sei. Mas adoro o Tyler, e o facto de ele ter conseguido o papel principal em *Long Board* foi uma sorte enorme para ambos. — Uma sorte da qual eu precisava, e Steph também sabe disso. — Fico feliz por olhar pela família dele, obviamente. Mas sim, não sou ama-seca. E contigo? Está tudo bem?

— Sim. O Ken anda a comportar-se mais estranhamente que o normal, mas... — Ela entorna uma garrafa imaginária com dramatismo e rio-me. A *happy hour* no escritório com Ken Alterman, o meu antigo chefe, foi sempre uma aventura.

Steph vê alguém do outro lado da sala e, apesar de eu lhe implorar com um aceno de cabeça, ela aperta-me o ombro e diz:

— Aguenta firme, volto já.

E depois desaparece.

Poder-se-ia pensar que por esta altura eu já estaria habituada a este tipo de coisa — circular sozinha por uma sala cheia de casais —, mas, de certa forma, isso nunca fica mais fácil com o tempo.

Tiro o telemóvel do bolso e troco mensagens rápidas com Daryl.

Idiota, sou a única solteira.

Era uma festa para casais? Não sabia!

Nem eu.

Teria dito que estava com diarreia no trânsito.

Na verdade, até isso teria sido mais agradável.

Com um gemido mental, vejo disfarçadamente as horas antes de voltar a guardar o telemóvel. Posso ficar quarenta e cinco minutos, certo? Parece tempo suficiente para transmitir «Valorizo a tua amizade e estou contente por ter vindo!» e «Não, *não* estou de forma alguma a fugir pela porta para voltar à solteirice em paz». Sinto que devia haver uma regra clara: se uma pessoa, com a minha idade, ainda não se casou e foi dama de honor mais de sete vezes, devia ter permissão automática para sair mais cedo de qualquer evento de casais sem ser considerada uma anormal.

Com isto decidido, inspeciono as opções de vodca, pegando na mais cara entre uma série de garrafas multicoloridas.

— Esta é a mesa dos que estão de vela?

Como estou a servir-me, respondo sem me virar.

— A mesa com as bebidas todas? — pergunto. — Devia ser. Quer dizer, é o mínimo que eles podem fazer.

— Então, desculpa, mas preciso de te pedir para saíres — responde o homem num tom severo. No instante em que me viro, surpreendida, sinto-o inclinar-se um pouco atrás de mim para dizer baixinho: — Tinham-me garantido que eu era o único solteiro contratado para trabalhar neste evento.

Ele está mais perto do que eu imaginava e o meu riso interrompe-se quando o vejo.

Estará a brincar? Ele é solteiro? Impossível eu ter tanta sorte. Tem o cabelo castanho, mais comprido na parte de cima, e, enquanto o observo a inclinar-se para analisar algumas das garrafas, afasta-o da testa. Não como se o estivesse a arranjar de alguma forma — bem pelo contrário, porque agora está espetado para cima —, mas como se fosse um gesto inconsciente. Percebo imediatamente que ele parece estar confortável na própria pele, tão relaxado e tranquilo que tenho quase a certeza de que *ele* não estava a planear fingir um desarranjo intestinal para fugir pela saída mais próxima.

Ele sorri novamente e, quando reparo no que tem vestido, tenho de fechar os olhos para conter uma gargalhada.

— Foi a Steph que te convenceu a fazer isto? — pergunto.

— O quê? — Ele segue o meu olhar. É subtil, mas com o cabelo, os olhos verdes e os óculos dá para perceber qual era a sua intenção com a camisa branca e a gravata solta por baixo de um casaco cinzento com fecho de correr: Harry Potter. A cicatriz em forma de raio na testa ajuda; eu devia ter percebido imediatamente.

Ele franze as sobrancelhas.

— Ah, meu Deus. — Ele observa a minha roupa, a gravata, a varinha, os cabelos soltos que despenteei para dar volume enquanto estava no meio do trânsito. — Estás a brincar comigo? Somos as duas únicas pessoas solteiras nesta festa e combinamos?

Não consigo conter o riso desta vez e ele escapa, surpreendendo-o como acontece sempre que alguém o ouve. Sou pequena, mas a minha gargalhada é poderosa.

Ele olha para mim abrindo um sorriso lento de diversão.

— *Uau.*

— Olá. — Estendo a mão. — Sou a Evie.

— É diminutivo de *evil*, malvada em inglês? — Ele finge estar assustado enquanto devolve um aperto de mão hesitante. — Tens a certeza de que és uma Gryffindor? A tua gargalhada faz-me pensar que tens um laboratório secreto e estás a construir um cão-robô apocalíptico que vai comer todas as pessoas presunçosas daqui. De Slytherin, claro.

— É diminutivo de Evelyn. A gargalhada é o meu dom. Mantém as pessoas delicadas à distância.

— Sou o Carter. — Ele aponta os dois polegares para o peito. — Não sou delicado, juro.

Ele está... a lançar-me charme? Penso no deserto da minha vida amorosa e fico surpreendida por já não saber dizer.

Carter é meio totó, apesar de atraente. Os óculos parecem verdadeiros, com armação escura e grossa. É mais alto do que eu, mas não demasiado — o que é um bónus para mim —, e tem os olhos de um verde incrível, cabelo castanho-escuro e grosso...

Pestanejo depois desta inspeção e olho de novo para ele, apercebendo-me do tempo que fiquei a observar-lhe o topo da cabeça.

— Prazer em conhecer-te.

— Igualmente. — Ele aponta para o seu fato de novo e sorri. — Isto foi o melhor que consegui fazer sem muita motivação e um guarda-roupa pouco inspirador. — Olha outra vez para mim. — Mas estás uma Hermione *incrível*. Harry e Hermione. Perfeito. Apoio.

Sinto um friozinho na barriga.

— A minha amiga Daryl devia ter vindo comigo, mas teve de cancelar no último minuto. Ela morreu para mim.

Carter dá uma gargalhada alta, então abre uma lata e bebe um longo e lento gole de *Red Bull*.

Para dizer a verdade, estou a tentar permanecer descontraída e não olhar demasiado para ele, mas não consigo.

Vivendo em LA, e especialmente trabalhando em Hollywood, cruzo-me com homens bonitos todos os dias, até já saí com alguns. Mas numa cidade cheia de caras bonitas, fiquei imune à previsibilidade deles, à simetria. Carter é bonito mas de uma maneira diferente. Tem os olhos grandes, com as pestanas mais grossas e escuras. O queixo é anguloso. Com a armação grossa dos óculos, tem uma beleza involuntária. Precisa de um corte de cabelo. Quando sorri, vejo que os dentes são brancos, mas não perfeitamente alinhados. Isso faz com que ele pareça imediatamente amigável. E as suas imperfeições são surpreendentes num mar de tratamentos ortodônticos, *Botox* e bronzeadores artificiais. Ele parece... *real*.

Agora, antes que pensem que estou a elaborar demasiado sobre isto, deixem-me lembrar-vos de que já não tenho vinte anos e, na minha idade, quando encontramos um homem, pomo-lo logo numa das seguintes categorias, só para facilitar a vida a todos: namoráveis, não namoráveis ou *gays*. Namoráveis basicamente significa que usamos sutiã quando eles

estão por perto e não falamos sobre funções corporais ou borbulhas. Não namoráveis ou *gays*: vale tudo.

— Então estás melhor do que eu. Eu nem acompanhante tinha — diz ele. — Fui coagido a vir pelos nossos ilustres anfitriões. De onde os conheces?

— Trabalhei com a Steph na Alterman.

Algo lhe passa pelo rosto — uma faísca de reconhecimento, talvez? —, mas antes que lhe possa perguntar Steph aparece tentando equilibrar um monte de pratos nos braços. Carter e eu esforçamo-nos para abrir espaço para eles entre as latas de *Red Bull*.

— De onde é que veio esta seleção de bebidas? — pergunto-lhe, apontando para a mesa. — Estás à espera que apareçam universitários mais logo?

— Oh, céus, consegues imaginar? — A pergunta sai com um suspiro, quase orgásmico, e olho para ela sem perceber. — Tudo o resto está daquele lado. — Ela ergue o queixo, apontando para outra mesa na sala, que só agora vejo, cheia de vinho, cerveja e todos os licores habituais.

Deixo descair os ombros, fingindo derrota.

— Mas isso fica no território dos *casados*.

— Nós não temos bilhetes para aquele lado da sala — acrescenta Carter.

Steph parece estar prestes a revirar-nos os olhos, mas então para e fica boquiaberta.

— Vocês combinam.

Carter e eu trocamos um olhar familiar.

— Nós conversámos antes de irmos para aqui — diz ele. — Combinámos coordenar os nossos fatos para ser o mais embaraçoso possível.

Ela dá-lhe uma palmada no braço.

— Cala-te! O Mikey e eu *sabíamos* que vocês os dois se iam dar muito bem. Sabem que *todos* nós trabalhamos como agentes de talentos? Quer dizer, *vá lá!* Vocês são um casal perfeito, certo?

Antes de regressar à cozinha, Steph faz uma careta para nós como se fôssemos um lindo conjunto de bonecos de porcelana numa prateleira e ela nos tivesse posto *só um bocadinho* mais perto um do outro.

Quando Carter se vira para mim, olhamos um para o outro por um segundo de silêncio atordoado.

— Estes sacanas tramaram-nos — sussurra.

— Parece que sim. — Olho de novo na direção de Steph. — Eles não sabem que este tipo de coisa nunca funciona?

— É como naquele filme com o Seth Rogen e a Katherine Heigl em que eles têm aquele encontro desastroso. — Detém-se quando leva a lata aos lábios. — Ou, espera... estou a fazer confusão?

Uma sensação explosiva toma conta do meu peito, sei qual é o filme a que ele se está a referir.

— Estás a falar do *Um Azar do Caraças*? — Ele assente, e eu continuo: — Não é um encontro, na verdade. Eles conhecem-se numa discoteca quando a Katherine Heigl consegue uma promoção. Conhece-o numa discoteca que existe mesmo aqui em LA chamada Plan B, embebedam-se e fazem sexo sem proteção. Ela descobre que está grávida oito semanas depois e *só então* eles têm aquele encontro embaraçoso em que ela lhe conta.

Quando finalmente fico sem ar, percebo que ele está a observar-me de sobranceiras erguidas por cima da sua lata de *Red Bull*.

— Foi um resumo impressionante de um filme que saiu há mais de dez anos.

Faço uma pequena dança.

— É o meu outro dom.

Os olhos dele brilham.

— Tenho de ser sincero, a Stephanie já devia saber como é. És incrivelmente bonita, e obviamente abençoada com pelo menos dois dons invejáveis, mas, entusiasmo à parte, nada parece pior do que sair com uma colega de profissão.

Céus, concordo totalmente. Sair com alguém da mesma área seria um desastre: os horários de trabalho são terríveis, os telefonemas são constantes e a pressão arterial — e a vida sexual — sofre muito.

Por isso ainda bem que ele o disse, ainda bem que ele explicitou o implícito. É como se estivéssemos na mesma equipa e de repente não houvesse mais pressão nenhuma. Na equipa «Eles ficam bem juntos mas jamais iria resultar».

— E — acrescenta — acabo de me dar conta de que és a adorável Evelyn Abbey. Agora as peças começam a encaixar.

Sou apanhada de surpresa por um segundo e não sei exatamente como reagir. Hollywood é uma indústria de quase quarenta mil pessoas, mas os círculos são pequenos. Se ele ouviu falar de mim, e do meu histórico, pode ser ótimo... ou não. Sinto-me desconfortável por não saber qual das duas opções.

— Então és agente de talentos? — pergunto. — Como é que nunca nos conhecemos?

— Estou em TV-Literatura. — *Círculos pequenos*. Descontraio um pouco. — Mas o Michael Christopher e a Steph estão sempre a falar de ti.

— Chamas «Michael Christopher» ao Mike? — pergunto. — Tão querido. Faz-me lembrar o ursinho Pooh.

— Nós andámos juntos na escola — explica Carter —, e há coisas que nunca mudam. Ele tenta fingir que está na maior por ser casado e ter uma filha de três anos que o obriga a usar tiaras, mas no fundo sei que fica louco por eu ainda ser solteiro e não ter fotografias minhas no Instagram a usar o *gloss* cintilante da minha filha.

Rio-me.

— Bom, se isso fizer com que te sintas melhor, isto aqui está a correr bem melhor do que da última vez que a Steph me tentou arranjar alguém.

Carter tem a habilidade mágica de levantar apenas uma sobrancelha, e isso provoca uma reação química em mim que explode como uma bomba.

— Ela faz isto muitas vezes?

— Da última vez arquitetou um encontro com o primo gordinho dela de vinte e dois anos, o Wyatt.

— Que consideração. Ela deve gostar muito dele.

Sinto o elogio aquecer-me lentamente.

— Eu tenho trinta e três, por isso...

O riso de Carter é suave, mas ele sorri com a cara toda.

— Ele não deu conta de ti, imagino.

— Recém-formado na UCLA, há meses que o pobre Wyatt não saía com ninguém. — Sorrio. — Ou nunca saiu...

Não sei bem o que fazer com a atenção sincera com que ele me ouve. Estou habituada a ser a pessoa que se dissolve no pano de fundo, por necessidade. A maior parte da minha vida — e da minha vida social — é centrada no trabalho. E então torno-me visível quando preciso de proteger os meus clientes ou defendê-los, mas de contrário é melhor o trabalho ser feito dos bastidores. Só agora, a falar com um homem que olha para mim como se eu fosse a única coisa na sala, é que percebo há quanto tempo ninguém olha assim para mim.

Ocorre-me uma ideia: embora ele tenha crescido com Mike na Costa Leste, se Carter está no ramo de TV-Literatura, deve morar na zona. Se calhar Daryl conhece-o.

— Onde trabalhas?

Carter sorri, como se soubesse que o que está prestes a dizer fosse lançar uma minúscula bomba de mau cheiro entre nós.

— CTM.

A CT Management é a nossa maior rival. Dentro de mim há impulsos contraditórios: uma vontade de comemorar porque ele mora aqui, contrariada por uma onda instintiva de competitividade.

Se ele percebeu o meu silêncio, ignorou-o.

— Mudei-me para cá há dois anos. Cresci rodeado de linhas de metro e milhões de outras formas de chegar aonde era preciso ir — diz. — Mas aqui? Caramba. Moro em Beverly Hills, nunca imaginei que fosse dizer isto, e ainda assim é um pesadelo chegar aonde quer que seja.

— Vocês da Costa Leste são tão mimados — faço aspas imaginárias — com os vossos «metros e táxis eficientes».

O riso de Carter é discreto e rouco.

— É verdade. No fundo, sou um rapaz de Long Island. Mas, agora, sou de Hollywood.

— Só não sejas *totalmente* de Hollywood.

— Nem sequer sei o que significa ser «totalmente de Hollywood». Será que é quando se olha para sapatos de quinhentos dólares na Saks e se pensa «Acho que devia comprá-los»? Porque nós temos disso em Manhattan também.

— É pior — digo. — É quando reconheces os sapatos de quinhentos dólares nos pés de outra pessoa e sabes onde provavelmente os comprou. E então dás por ti a julgá-la, porque são daquele *designer* que já não é desconhecido e sobrevalorizado e sabes que estavam com desconto na semana passada e que a pessoa não pagou o preço total.

— Uau, és *mesmo* Ev-il, bem má.

— Ah, essa não sou eu. — Estendo as mãos e aponto para os meus sapatos rasos amarelos simples que aparecem debaixo da minha capa. — Fica a saber, meu senhor, que estes sapatos são *Old Navy*, comprados com desconto. Mas vivi aqui a vida inteira. Todos os dias é uma luta para não me deixar arrastar para o jogo.

— O jogo?

— Agentes de talentos em Hollywood? — pergunto. — Tu *sabes* que é um jogo.

— Certo, certo — concorda, e eu percebo, com esse gesto subtil, que ele já está a *jogar*. E se o meu instinto estiver certo, é bom nisso também. É superaberto até que se toca no assunto do trabalho, e então surge um filtro entre nós.

Interessante.

Tomo um gole da minha bebida, observando a festa à nossa volta. Juntos, Carter e eu formamos uma minúscula ilha na sala de jantar;

é quase como se os restantes convidados tivessem sido instruídos a deixar-nos sozinhos.

— Então tu estás na P&D — diz ele.

— Sim. — Olho para ele, tentando decifrá-lo como faço com qualquer pessoa nova que conheço, para descobrir qual é a melhor forma de interagir, e penso: *Ele é imperturbável*. — Com o Brad Kingman.

Carter não reage, e, se o meu palpite estiver certo, é porque ele já sabia.

— É verdade que ele é notoriamente chato com a comida, só come coisas cruas, não processadas, sem açúcar... — Carter sorri enquanto leva descaradamente a lata de *Red Bull* aos lábios. — Como é óbvio, preocupo-me muito com a saúde.

Rio-me.

— É tudo verdade.

— Não pode ser tão extremo como toda a gente diz.

— Uma vez deixei-lhe uma revista de decoração e jardinagem sobre a mesa, com a intenção de ele levar a amostra de comida de cão em barra que estava presa na capa para o seu dogue-alemão mimado. Quando mais tarde passei por lá, *ele* estava a comer a barrinha. Parece que está tão habituado a comida sem gosto que comeu uma barra de comida para cão orgânica e não percebeu que não era para pessoas.

Carter parece horrorizado.

— Disseste-lhe alguma coisa?

— Ah, *não* — respondo, incapaz de conter o riso. — Mas, em minha defesa, ele tinha acabado de dizer que eu parecia um pouco *cheiinha* com o meu vestido novo. Por isso talvez ele tenha merecido.

Assim que a última palavra me sai da boca, tenho vontade de retirar o que disse.

Os agentes são notoriamente mexeriqueiros. De certa forma, partilhar confidências para abrir caminhos faz parte do negócio. Mas nunca foi uma parte importante do *meu* negócio. Mantenho o equilíbrio. Mantenho a honestidade. Faço as coisas. E, por mais que me sinta justificada em deixar o meu chefe comer comida de cão, não me prendo a contar histórias de mau comportamento, de palhaçadas bêbedas na mesa do bar ou que estagiário anda a dormir com que sócio. A menos que esteja com Daryl ou Amelia — nesse caso, não ando em pezinhos de lá. E, no geral, gosto de me misturar em círculos com a mesma mentalidade. A reputação é tudo.

Carter inclina-se para a frente.

— Foi uma coisa péssima que ele te disse, na verdade.

E, caramba, ao sussurrar esta frase, ele conseguiu ser ao mesmo tempo profissional *e* reconfortar-me. Os bons agentes sabem interpretar as pessoas, deixá-las instintivamente à vontade e fazê-las falar, ou permanecerem discretos em todas as situações. Os grandes agentes sabem fazer as três coisas com facilidade.

Todos nós tendemos a manter as cartas junto ao peito e a não revelar o que estamos a pensar na verdade. Não baixamos a guarda, os nossos muros são altos e o nosso detetor de tretas está calibrado da forma mais sensível possível.

Então ocorre-me, olhando para ele mais de perto, que Carter definitivamente mantém as suas cartas bem guardadas, sim. Mas ele também parece ter um jogo muito bom.